

# EUA buscam nova solução para dívida

JOSÉ MEIRELLES PASSOS  
Correspondente

WASHINGTON — Uma comissão formada por funcionários do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos passou a tarde de sexta-feira discutindo a dívida externa da América Latina. Sua missão, delegada pelo Presidente eleito George Bush, era "encontrar uma solução inovadora" para o problema. No final do encontro, não havia ainda um rumo definido a tomar. Mas, como revelou um dos envolvidos nesse processo, "cada vez que discutimos o assunto temos conseguido afinar mais a sintonia. Até a posse de Bush (no dia 20 de janeiro) deveremos ter algo estruturado".

A ordem é buscar maneiras de aliviar o peso da dívida. E o prazo é curto, pois a idéia do novo Presidente é ter algo concreto em mãos para apresentar aos seus colegas latino-americanos, numa reunião que ele pretende promover ainda no primeiro semestre do ano que vem.

A orientação dada por George Bush é de que a Casa Branca deve olhar agora mais para o Sul, e não se limitar apenas à América Central — disse outra fonte, que vem acompanhando o processo de perto.

Os economistas, liderados pelo Secretário do Tesouro, Nicholas Brady, que continuará à frente dessa área no Governo Bush, têm recolhido opiniões de vários setores do Governo. E também têm feito contatos no Congresso, onde predomina a idéia de que uma das melhores soluções para a dívida seria a criação de uma agência internacional, financiada pelos

países ricos, para comprar os títulos da dívida externa do Terceiro Mundo (com um desconto) e negociá-los na praça.

— A possibilidade de se criar essa agência tem sido muito discutida, mas ainda há resistência de alguns governos, que temem transferir o risco dos bancos privados para os contribuintes — comentou o Vice-Presidente e economista-chefe do Banco Mundial (Bird), Stanley Fischer.

Outra opção bastante analisada é a de que organizações como o Bird, ou até mesmo algum país rico, venham a dar um aval à emissão de bônus a serem emitidos pelos devedores, para negociação no mercado financeiro.

A intensa discussão do problema pela equipe econômica que atuará no Governo Bush é alimentada por duas circunstâncias, segundo disse ao GLOBO uma das pessoas ligadas a esse esquema. De um lado, estão as eleições presidenciais em seis países latino-americanos, com a possibilidade de vitória de candidatos populistas.

O outro fator que incentiva a procura de uma estratégia num prazo curto é a crescente preeminência do líder soviético Mikhail Gorbatchov. Assim como não quer perder a posição de liderança na solução dos conflitos no Oriente Médio (a ponto de ter aceitado dialogar com Yasser Arafat e a Organização para a Liberação da Palestina), a Casa Branca teme que a União Soviética assuma um papel preponderante no encaminhamento do problema da dívida externa do Terceiro Mundo.